

Eu queria passar o verão em casa, mas minha mãe insistiu que eu fosse à Europa com ela. Aquela viagem me mudou para sempre.

Ela me deu o mundo

POR MARY MORRIS DA COLETÂNEA
WHAT MY MOTHER GAVE ME

VOU A ROMA DE CARRO com uma amiga. Passamos a toda por pinheiros romanos, ciprestes aqui e ali nas encostas e ruínas de aquedutos. Passei a semana dando aulas na Úmbria e agora estou de férias. Conheço bem Roma. Morei aqui um ano.

Sentadas no Harry's Bar, no alto da Via Veneto, tomando um vinhozinho, olho o outro lado da rua e vejo o Hotel Flora. Embora faça quase 50 anos que não vejo o Flora e nem sequer penso

nele, de repente recorro cada momento que passei ali quando menina.

Ao anoitecer, minha amiga vai jantar com alguém, e sigo até os jardins da Villa Borghese. Pego o celular e ligo para minha mãe. "Você se lembra do Hotel Flora?" Mas mamãe fica confusa. Está com 99 anos, e venho observando seu mundo encolher. Dá para perceber que ela nem sabe mais o que é Itália. "Lembra da nossa viagem?", pergunto. "Você jogou suas pérolas no mar." ➔



CERTO DIA, QUANDO eu era uma adolescente mal-humorada, minha mãe foi me buscar na escola. “Vamos tirar seu passaporte”, anunciou. Eu não queria um passaporte. Passaria o verão aprendendo datilografia e as tardes, na praia, nos braços do garoto que eu amava.

Mas mamãe tinha outros planos. Enquanto atravessávamos o centro de Chicago, explicou que pretendia me levar a Paris, Londres e Roma assim que

ALGUMAS SEMANAS DEPOIS, meu passaporte chegou. Não dei muita importância a esse documento. Também não entendi o seu poder secreto até chegarmos a Paris e o funcionário da alfândega, de uniforme azul-marinho e chapéu alto e vermelho, carimbá-lo e me dar boas-vindas à França.

Eu atravessara minha primeira fronteira.

Ficamos no Hotel Vendôme. Minha mãe adorou as camas de mogno com



Percebi que me achava à beira de algo importante e que minha vida estava para mudar.

o ano letivo terminasse. Ela jamais fora a lugar algum, a não ser a Idaho num verão, e todos que a conheciam sabiam que sonhava em viajar.

Quando eu era menor, meus pais foram a um Baile dos Desejos Reprimidos. Era preciso ir com uma fantasia que ilustrasse seu desejo. Na noite do baile, meu pai estava elegante, de smoking e peruca (ele ia como um homem com cabelo), mas foi minha mãe que me extasiou. Entre as saias azuis, ela costurara fotos da Grande Muralha da China, da Torre Eiffel. Na cabeça, havia um globo terrestre de alumínio. As saias eram os oceanos; o corpo, a terra. Ela estava vestida de mundo.

Agora, queria conhecer a Europa, e eu seria sua companheira.

dossel, as cortinas de damasco estampadas de vermelho.

Mamãe era uma dona de casa do Meio-Oeste que, provavelmente, ficaria melhor num salão que num supermercado. Na década de 1930, quando trabalhava na loja Saks vendendo lingerie, um grande estilista foi mostrar às vendedoras como vestir o manequim. Enquanto tentava explicar algo que ninguém parecia compreender, minha mãe mostrou um esboço que acabara de desenhar. “É isso o que quer dizer?” Ele lhe perguntou onde aprendera a fazer aquilo. “Aprendi sozinha”, foi a resposta.

O estilista ajudou minha mãe a obter uma bolsa para o Instituto de Artes de Chicago, onde ela estudou moda

até seu pai se recusar a lhe dar o dinheiro da passagem. Mas ela continuou a desenhar e fazer todas as suas roupas.

Mamãe logo se apaixonou por Paris. Durante o dia, vestia-se com perfeição, de tailleur escuro, escarpins de couro legítimo, luvas brancas e sempre o colar de pérolas cultivadas. Era um colar barato, mas ela o usava por toda parte.

Minha mãe me arrastou para ver todos os Monet e monumentos que encontrasse. Escalamos as escadarias de Montmartre e encontramos um pequeno bistrô onde, pela primeira vez, provei vinho. Jantamos num *bateau mouche* no Sena, com Paris iluminada à nossa volta. Mamãe não apenas visitou Paris – ela a sorveu!

Então fomos a Roma. Ficamos no Flora, num quarto luxuoso com vista para a Via Veneto. Um porteiro jovem e bonito me chamava de Miss América e me paquerava. “Aonde Miss América vai hoje?” Íamos a toda parte. Parecia que mamãe não queria parar nunca.

Certa tarde, fomos ao cabeleireiro. Meu cabelo foi lavado e arrumado num fofo bolo de noiva. Detestei. De volta ao quarto do hotel, mamãe se deitou para tirar um cochilo. Enfiei a cabeça na pia, penteei para tirar o laquê, sequei o cabelo com a toalha e depois fui dar uma volta sozinha.

Ao sair do hotel, atravessei a rua até os jardins da Villa Borghese. Não de-

morou para que eu começasse a ouvir assovios, homens chamando. Alguns me seguiram, gritando: “Bella!” Levei alguns minutos para entender que aquilo era para mim. Fiquei ao mesmo tempo assustada e em êxtase. Percebi que me achava à beira de algo importante e que minha vida estava para mudar.

FLORENÇA, PISA, GÊNHOVA. Rodamos a Itália de ônibus. Certa noite, paramos em La Spezia, cidade à beira-mar. Jantamos numa varanda de frente para a praia. E ali mamãe pôs as mãos na fieira de pérolas que usava havia anos. “Estou cheia delas”, disse. Com isso, passou-as por cima da cabeça e as jogou no mar. Fiquei olhando-a, espantada. Em seguida, ambas começamos a rir. Percebi então que o que descobrira era verdade: as viagens podem ser transformadoras.

De todas as coisas que mamãe me deu, o passaporte e o mundo que ele me abriu foram o maior presente. Ela me levou numa viagem, e ainda não parei. Perambulei pela América Latina, viajei de Pequim a Berlim de trem, procurei tigres nas selvas da Índia. E agora estou de volta a Roma. Parada em pé nos jardins da Villa Borghese, à luz dourada da noite, ouço mamãe perguntar:

– Quando vejo você?

– Logo, mamãe, logo – respondo. 